

Brasil sem defesa contra “segunda onda”

Economistas reunidos na Suíça prevêem que o país não terá mais saída quando vierem da Ásia os novos efeitos da crise financeira

DAVOS, SUÍÇA - Dentro de mais ou menos seis meses, quando surgirem os efeitos da “segunda onda” da crise asiática, o Brasil não poderá fazer quase nada para evitar a desvalorização de sua moeda. A previsão é de um especialista que está no olho do furacão, o canadense Kenneth Courtis, estrategista-chefe do Deutsche Bank para a região Ásia Pacífico, com base em Tóquio.

Motivo da projeção: o governo brasileiro fez o que podia, em outubro-novembro, ao dobrar as taxas de juros e lançar um pacote de ajuste fiscal. No entanto, segundo Courtis, não há o que se possa fazer ante a “contínua deterioração de sua conta corrente” (que mede todas as transações externas do país).

O economista Rudiger Dornbusch, Instituto de Tecnologia de Massachusetts, nos Estados Unidos, reforçou: “Quando você tem uma moeda sobrevalorizada em 15% (o caso do real, para Dornbusch), é por aí que te pegam”. Crítico sistemático da política econômica do governo brasileiro, Dornbusch não

poupou ironias: disse que o Brasil “tem grande experiência em decoração de interiores”. Referência a sua convicção de que o Plano Real é uma maquiagem que não consegue esconder problemas estruturais. Depois, completou: “O mundo poderá socorrer a Rússia, mas não o Brasil e sua estúpida mania de postergar (adiar) soluções e negar problemas.

O americano Fred Bergsten, diretor do Instituto para a Economia Internacional, também mencionou o Brasil. Num relatório, destacou que o país conhecerá “crescimento zero ou até inferior” por causa da crise asiática.

Todas as teses sobre o Brasil foram apresentadas pouco antes da abertura do encontro anual do Fórum Econômico Mundial, na cidadelha suíça de Davos - à qual chega hoje o presidente Fernando Henrique Cardoso.

Exportar ou morrer - Quais são as características centrais da “segunda onda” da crise asiática antevista por Courtis? A principal - e que poderá atingir o Brasil mais diretamente - é a necessidade dos países em crise de “exportar ou mor-

rer”, segundo o economista do Deutsche Bank. Tais países se tornarão “competidores agressivos” em seus setores, criando o que Courtis chama de “o mais competitivo ambiente global jamais visto”. Conseqüência inevitável: “A próxima fase não será na Ásia, mas no resto do mundo, afetando especialmente a América Latina”. Por quê? “Perderão mercado para os asiáticos no mundo desenvolvido”.

O ex-ministro da Economia da Argentina Domingo Cavallo defendeu a tese de que o mais provável é que a Ásia dos anos 90 repita a América Latina dos 80. Em todo o caso, já há pelo menos um setor da economia brasileira “sentindo o calor” vindo da Ásia: Luiz Fernando Furlan (grupo Sadia) conta que Tailândia e China, os dois grandes competidores do Brasil no mercado mundial do frango, reduziram o preço do quilo de US\$ 2 para US\$ 1,60. Conseqüência: a Europa reagiu aumentando a tarifa de importação para todos, deixando o frango brasileiro fora do mercado. (Agência Folha)